

novíssimo teatro português

ARTUR PORTELA FILHO
AUGUSTO SOBRAL
FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO
JOSÉ ESTÊVÃO SASPORTES
MARIA TERESA HORTA

com um apelo
de
bernardo santareno



ULFLON 01568



NOVÍSSIMO TEATRO
PORTUGUÊS

Coligido por Ilídio Ribeiro



Trav. do Fala-Só, 15-2.º esq. B
LISBOA 2

(O palco, todo escuro. Apenas, à boca de cena, iluminado, o Cicerone.)

CICERONE

Como já puderam verificar na visita às salas anteriores, o objectivo da Direcção deste museu foi oferecer ao público algo inteiramente inédito no domínio de organizações deste tipo. Já tive ocasião de vos dizer que, criado há relativamente pouco tempo, este museu se orgulha de possuir uma excelente colecção dos mais variados exemplares.

Concebido em moldes já em si revolucionários, o museu de Antropologia Histórica, mais se orgulha ainda por vos poder oferecer nesta última sala uma autêntica novidade. Já vos foi dado ver todas as notáveis figuras do passado, amostras de todas as ideologias e, até mesmo sem ideologias, espécimes influentes no ramo de actividade que este museu se propôs arquivar.

Foi desejo da Comissão Organizadora proporcionar aos estimados visitantes uma grata surpresa, ao criar uma sala puramente fictícia. Evidentemente ainda prolifera entre nós certa espécie de atas figuras, importantíssimas, como é do conhecimento de todos.

Ora bem, decidiu a Direcção tomar um por todos e dedicar-lhe esta vastíssima sala a que chamou «Sala do Alto-Magistrado» e que foi toda preenchida por cenas evocadoras e sugestivas, tiradas da biografia desta simbólica figura aqui ousadamente apresentada ao público como um simples cadáver embalsamado. Ah, decerto os mais modernos processos de embalsamamento, produtos incorruptíveis que garantem uma conservação prolongada, sem perigo de ressurreição, de forma a que a peça do mais alto valor deste museu esteja sempre patente ao público.

Por favor comecemos aqui pela direita. A Direcção deste museu, para melhor servir os senhores visitantes, organizou através de toda esta enorme sala uma apresentação de quadros vivos. O Alto-Magistrado é-vos assim revelado, tanto na sua vida privada como pública, nos momentos mais significativos da sua actuação.

Meus senhores, aqui à direita, em primeiro lugar.

(Ilumina-se um dos lados do palco. O Alto-Magistrado, numa cadeira de repouso. A cabeça é uma máscara de «cabeçudo», enorme. Prateleiras com gatos embalsamados. Gaiolas com pássaros também embalsamados.

Bem visível, acende-se um letreiro: OS
BONS SENTIMENTOS.)

CRIADO

Este quadro intitula-se «OS BONS SENTIMENTOS».

PAUSA

ALTO-MAGISTRADO

Por qualquer motivo os pássaros miaram toda a noite.

CRIADO

Não, Excelência.

ALTO-MAGISTRADO

Como diz? Não miaram? Não ouviu?

CRIADO

Não, Excelência. Os gatos, Excelência, os gatos.

ALTO-MAGISTRADO

Tem razão. Decerto, os gatos. No entanto, pareceu-me que foram os pássaros.

CRIADO

Não há nenhum motivo, Excelência.

ALTO-MAGISTRADO

Pois decerto. Não há. Só se se esqueceu de lhes dar alpista. Os gatot ficaram sem comer, esta noite?

CRIADO

Os canários, quer Vossa Excelência dizer?

ALTO-MAGISTRADO

Se não era fome não havia outra razão para não me deixarem dormir.

CRIADO

Nem tão-pouco tinham as gaiolas sujas.

ALTO-MAGISTRADO

E o leite que comprou foi suficiente? Fique sabendo que é imoral não dar leite a gatos.

CRIADO

Eu não os ouvi miar, Excelência, mas estou pronto a sofrer castigo pela minha falta.

ALTO-MAGISTRADO

Não vê que é imoral? Os bichos, pobrezinhos, secaram durante a noite. Hã! Todos mortos. Os malditos! Já estariam mortos quando os ouvi miar? Sim, a moralidade acima de tudo: se eles tinham fome, a sua obrigação era dar-lhes de comer.

CRIADO

Mudei-lhes ontem a água como de costume antes do pôr do sol.

ALTO-MAGISTRADO

Os ingratos! Mas como puderam estes pássaros já secos, completamente secos, passar toda a noite

assim a miar? Sem dúvida, você tinha obrigação de os ter ouvido. Mas está perdoado.

CRIADO

Tem um coração de oiro, Excelência.

ALTO-MAGISTRADO

Aumento-lhe o ordenado para o dobro. Cumpriu o seu dever, reconheço-o.

Oh, pobrezinhos, que noite! E todos mortos, esta manhã! Nem um ficou, nem um.

Hã, é preciso comprar outros. Depressa. Outros, compre outros. De melhor qualidade, mais resistentes. Vinte gatos e cinquenta canários. Decerto mais gaiolas e prateleiras. E alpista e leite. Vã depressa. Deite estes todos fora. Outros, traga outros.

CRIADO

Imediatamente, Excelência.

ALTO-MAGISTRADO

E não cometa de novo nenhuma falta. Não há gatos sem alpista, nem canários sem leite. A horas certas, ouviu? A horas certas. Só assim é que pode haver moralidade. E, se o senhor não cumpre as ordens que lhe dou, a culpa não é minha.

Ah, pode levar os canários para sua casa. Ainda dão uma boa refeição para uma família. E os gatos, se quiser, também.

CRIADO

O coração de Vossa Excelência é de puro ouro.

ALTO-MAGISTRADO

Já estão um bocado mirrados, mas ainda se podem chupar os ossos. Dou assim de comer a uma família.

Desande, traga outros depressa. Não suporto estar aqui sôzinho no meio de todos estes bichos mortos. Vã depressa. Traga outros.

(Apaga-se o letreiro e a luz deste quadro. De novo, só o cicerone iluminado. Acende-se outro letreiro: OS MAUS SENTIMENTOS.)

CICERONE

E vão agora ver uma cena intitulada «Os maus sentimentos».

A Comissão Organizadora seleccionou muito cuidadosamente os quadros, de forma a apresentar aos senhores visitantes uma panorâmica tanto quanto possível variada, completa e interessante. Serviu-se assim largamente de um processo de grande efeito, o contraste. O espectáculo será menos monótono e mais elucidativo. Por favor, agora aqui.

(Ilumina-se outra porção do palco. O Alto-Magistrado, com a mesma máscara, de

